

## PARTE 4

### Reflexão sobre o desenvolvimento profissional

#### Introdução

A encerrar este relatório apresento uma reflexão sobre a evolução do meu conhecimento didáctico, no que diz respeito ao conhecimento matemático, do currículo, dos alunos e respectivo processo de ensino-aprendizagem e do processo instrucional. Considero que tomar consciência do meu conhecimento profissional é um passo fundamental para que possa procurar evoluir sempre, para que possa superar as minhas fragilidades e apoiar-me nas minhas potencialidades. Esta reflexão faz emergir em mim questões sobre a minha actividade lectiva, permitindo-me perspectivar a minha evolução.

#### Evoluir como professora de Matemática

Como caracterizar a minha evolução enquanto professora de Matemática?

A minha carreira enquanto professora de Matemática é um pouco recente, uma vez que é o sétimo ano que estou a leccionar. No entanto, sinto que tenho vindo a sofrer alterações no que diz respeito ao meu conhecimento didáctico. Considero estas alterações uma evolução porque as encaro como uma melhoria da minha prática profissional. Durante a formação inicial aprendi muito ao nível da didáctica, mas na verdade “estar no terreno” faz toda a diferença. A capacidade que temos de moldar os conhecimentos adquiridos para ir de encontro a diferentes realidades é imprescindível para a profissão que desempenhamos. E a experiência faz com que encontremos novos caminhos exploratórios e torna-nos capazes não só de adaptar como também de criar.

Os domínios do conhecimento didáctico onde noto uma maior evolução são ao nível da relação com a “matemática escolar” e na forma como desenrolo a acção em contexto sala de aula.

Nos primeiros anos de leccionação sentia uma enorme necessidade de estudar com afinco os conteúdos a leccionar, com medo de cometer erros científicos durante as

aulas. Estranhamente, os conceitos mais simples eram os que mais temia. A formação académica superior não se debruça muito sobre a “matemática simples” que temos que leccionar nas escolas básicas e secundárias, o que pressupõe um trabalho complementar por parte do futuro professor de Matemática. Com o decorrer dos anos lectivos e ao explorar os conteúdos de diversas formas de turma para turma, de ano lectivo para ano lectivo, começo a sentir confiança no meu conhecimento matemático. Tento também conhecer o trabalho desenvolvido por outros colegas de outras escolas para poder comparar com o meu trabalho e obter novas perspectivas.

Comparo o meu modo de relacionamento com a Matemática com o modo de relacionamento de duas pessoas. À medida que o tempo vai passando vamos-nos conhecendo melhor, mais intimamente, aperfeiçoamos o nosso relacionamento e descobrimos coisas que não poderíamos supor. Este conhecimento crescente faz com que aborde os conteúdos matemáticos com mais confiança, sendo capaz de fazer diferentes abordagens de um mesmo conteúdo de maneira a chegar a todos os alunos. O medo de errar que tanto se sente nos primeiros contactos com os conteúdos transforma-se em confiança e a busca por conexões parece não cessar.

O currículo é um tema bastante abordado durante a formação inicial. Grande parte dos trabalhos desenvolvidos nas unidades curriculares supõe o seu estudo, interpretação e aplicação. Desde logo percebi o quão importante é este documento e portanto ele é a minha base de apoio no ensino da Matemática.

No processo ensino-aprendizagem dou especial importância a tarefas que verifico que desenvolvem aprendizagens significativas nos alunos, sempre com recurso a materiais diversos, com especial incidência no uso de novas tecnologias. Estas tarefas têm por base materiais provenientes de fontes diversas, tais como manuais escolares, livros de texto, páginas Web recomendadas pelo Programa Oficial, entre outras, e têm como objectivo promover o pensamento matemático. Também estas tarefas se têm vindo a modificar ao longo dos anos lectivos, algumas são abandonadas por considerar que não cumprem os objectivos para que foram criadas, outras são reformuladas e todos os anos surgem novidades.

Todas as aulas são preparadas antecipadamente tendo em conta as competências que se pretendem desenvolver num determinado conteúdo. São preparados materiais de trabalho e avaliação específicos para cada situação de ensino-aprendizagem. Apesar de

todos os anos lectivos leccionar os mesmos conteúdos a turmas da mesma área profissional nunca tive duas aulas iguais. Os intervenientes são diferentes e portanto a aula segue caminhos distintos. Quando falo de intervenientes diferentes não me refiro apenas aos alunos, porque também eu sou diferente de ano para ano.

Uma das minhas maiores dificuldades, e que sinto desde sempre, diz respeito à avaliação dos alunos. Apesar de utilizar instrumentos de avaliação diversos, que considero adequados à minha prática lectiva, nem sempre me sinto confiante na avaliação que faço, temendo ser injusta. Como poderei ter a certeza de que os instrumentos de avaliação que utilizo são capazes de verificar o desenvolvimento de competências dos alunos? De validar a sua evolução perante determinado conteúdo programático?

A elaboração deste relatório fez-me pensar verdadeiramente na prática lectiva que desenvolvo. Apesar de repensar as tarefas a aplicar em contexto sala de aula de turma para turma, de ano lectivo para ano lectivo nunca tinha olhado de modo verdadeiramente crítico para todo este processo. Dei comigo a pensar

*“Será que realmente consigo promover aprendizagens válidas nos alunos?”*

*“Será que estou a cumprir o programa de modo criterioso?”*

*“Serão as minhas escolhas em termos de currículo as mais vantajosas para os alunos?”*

*“Porque escolho determinado caminho em detrimento de outro?”*

*“Como poderei avaliar a validade das minhas escolhas?”*

*“O que poderei melhorar nas minhas práticas lectivas?”*

*“Como fazê-lo?”*

Estas questões são apenas algumas das que me coloco e que por vezes me fazem ter medo de agir, de errar e prejudicar aqueles que confiam no meu discernimento e acreditam que de facto o importante é o que a professora ensina.

O meu objectivo é sempre proporcionar aos alunos diversos tipos de experiências de aprendizagem, utilizando vários recursos, e que vão de encontro aos seus interesses, à sua área de formação. Considero que sou um agente curricular activo, uma vez que ajo sobre o currículo de acordo com as necessidades dos alunos e do que considero imprescindível para a sua formação. As minhas decisões em sala de aula não são planeadas antecipadamente, dependem do decorrer da aula, do progresso dos alunos relativamente a um tema ou tarefa. A aula é ajustada aos alunos.

É frequente ouvir discussões acerca do benefício e desvantagens da utilização das novas tecnologias do ensino da Matemática. A minha formação foi sempre desenvolvida a par das calculadoras, dos computadores, da *internet*, ... pelo que nem sequer imagino o ensino da Matemática sem o recurso às novas tecnologias. Quando olho para os meus alunos PALOP consigo identificar limitações a nível da interpretação, da crítica de resultados e da comunicação matemática e, na minha opinião, este facto deve-se ao tipo de ensino a que tiveram acesso nos seus países, onde foi privilegiado o cálculo e a aplicação de algoritmos de modo sistemático. Apesar de existirem indicadores desfavoráveis ao sucesso do ensino da Matemática em Portugal a linha que separa os alunos PALOP dos alunos portugueses é bastante acentuada, o que me diz que as mudanças no currículo e nos programas de Matemática que têm vindo a ocorrer se começam a reflectir e a surtir efeitos.

No fim de cada ano lectivo tenho sempre a sensação que poderia ter sido melhor, que poderia ter aprofundado mais este ou aquele conteúdo, ter proposto mais esta ou aquela tarefa, que poderíamos ter feito mais e melhor... talvez esta sensação reflecta um traço da minha personalidade, de querer sempre mais e melhor.

Na realidade sinto falta de trabalhar em conjunto com outros docentes do meu grupo disciplinar, uma vez que na escola onde lecciono sou eu quem elabora as planificações, quem define os critérios de avaliação, quem constrói materiais de trabalho e avaliação, enfim quem toma todas as decisões relativamente à Matemática a leccionar na Escola Profissional de Alvito. Apesar de estar em contacto com outros professores de Matemática isso acontece de modo informal e por vezes é necessário que alguém critique o nosso trabalho para que possamos crescer profissionalmente.

Para melhorar o meu desempenho é necessário reflectir sobre o trabalho que desenvolvi, analisar o que correu bem e o que correu mal, apontar as razões e utilizar esse conhecimento para futuras experiências.

Quero que o próximo ano lectivo seja sempre mais produtivo e mais desafiante que o anterior, não só para mim mas principalmente para os meus alunos.